

Presidente do BC espera acordo com credores até o final do ano

por Thaís Bastos
de Brasília

O diretor para dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, e o assessor especial do Ministério da Fazenda, Fernando Bracher, embarcam na noite de hoje para Nova York e já iniciam contatos com representantes dos bancos credores, preliminares à retomada das negociações, marcada para o dia 19 próximo.

A informação partiu do presidente do Banco Central, Fernando Milliet de Oliveira, que admitiu a possibilidade de um pagamento simbólico de parte dos juros sob efeito da moratória declarada pelo Bra-

sil. "Dentro da evolução das negociações tudo pode ser examinado, embora não haja nenhum compromisso nesse sentido", afirmou.

A expectativa da equipe negociadora brasileira é de se feche um acordo com os bancos credores até o final deste ano, sublinhou Milliet. Nos contatos dos próximos dias, o Brasil buscará um equilíbrio na relação com os bancos e o Clube de Paris, em virtude das reclamações dos primeiros sobre a suspensão de aporte de recursos por parte do Clube de Paris a partir da declaração da moratória, enquanto os bancos continuam enviando recursos ante uma moratória mais

pesada na parte do pagamento dos juros que lhes cabem.

"O Brasil manterá o diálogo com base na sua proposta original de pagamento da dívida, que prevê uma parte convencional de financiamento parcial de juros, com prazo de três anos, redução dos 'spreads' para zero e um teto para a Libor, e uma parte não convencional onde se propõe a emissão de títulos de conversão da dívida a longo prazo, que terão o mesmo valor da dívida convertida, porém com taxas de juro fixas, mais baixas." Assim define uma nota oficial divulgada ontem pelo ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira, desmen-

tindo notícia publicada no jornal Folha de S. Paulo, dando conta de alterações na proposta brasileira.

Sobre um possível acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), Milliet colocou a questão da seguinte forma: "Uma vez fechado um acordo com os bancos e definida uma disposição do FMI, Eximbanks, e BIRD em aportar mais recursos ao Brasil, um acordo com o FMI poderia ser analisado".

Ele reiterou, entretanto, que o governo brasileiro não aceita nenhuma conexão entre a negociação em andamento com os bancos credores e uma volta ao FMI.